

BRASIL - PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE JULHO DE 1910

N.º 275

Na Sociedade de Geographia

Sessão solenne do Real Instituto de Soccorros a Naufragos



(Cliclé de J. Benoitel).

Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia presidindo á sessão,
tendo á sua direita os srs. conselheiros Azevedo Coutinho e Ferreira do Amaral e á esquerda o sr. Hypacio de Brion

Festa militar do regimento de lanceiros n.º 2



A' sahida da igreja dos Jeronymos, depois da benção da nova bandeira
El-Rei o Senhor D. Manuel, commandante honorario do regimento de lanceiros n.º 2, e o coronel Albuquerque, commandante effectivo

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

24 de junho, dia de S. João

Saragoçanismo politico. Beirão, Beirão, Beirão, eis a questão! Eu creio que elle fica, a não ser... que não fique. — A festa no parque das Laranjeiras, Risos que estancam lagrimas. — A festa em lanceiros 2. Juramento de bandeiras. — A semana de armas. — O Lisboa, um vapor da Empresa Nacional de Navegação e

o Vulcano, da marinha de guerra. — A sessão solemne do Instituto de Soccorros a Naufragos. A Rainha Senhora D. Amelia faz a distribuição de recompensas.

Quem me vê não dirá que sou uma decidida vocação de homem publico. Por todos os motivos e mais um: porque sou o homem mais particular que imaginar-se possa. Mas lá que seria um grande estadista se me desse para ahi, isso não soffre duvida.

Vejam lá este caso do sr. Beirão. Vejam lá como eu disse que o sr. Beirão se aguentaria com o frio e como dei a entender em subtilidades de entrelinhas que elle chegaria a um accordo com o calor. E então? Acertei ou não? Pois está claro que acertei. A prova ahi



(Cliché de J. Bencliel).

Festa militar do regimento de lanceiros n.º 2
O regimento desfilando na rua direita de Belem, commandado por Sua Magestade

está bem patente para desespero de todos os aspirantes á presidencia do conselho. O sr. Beirão, na data em que escrevo, mantém-se firme como um penedo, salvo seja, disposto a não se levantar da sua cadeira presidencial. E se d'ella se erguer será apenas para a arejar, para esticar as pernas e os braços, bocejar e tornar a sentar-se no lugar ainda morno. O sr. Beirão fica, podem crêr. Com os seus actuaes companheiros? Com outros? Seja como fór, fica. Elle o disse na sessão de 6 de junho e como homem de palavra cumpre a sua promessa.

Hão-de apouquental-o com diatribes, medonhentas descomposturas, com aggressões furibundas em boa prosa e mau verso, com caricaturas desenhadas e grosseiras, mas não o resolverão a sair. Fallar-lhe-hão no Credito Predial só para o amargurarem com a lembrança do dinheiro que lá perdeu, attribuir-lhe-hão entendimentos com o gato do sr. José Luciano de Castro, subserviências para com o Papa e a falta de sorvetes nas lojas de lambarices. Elle ha-de ouvir, ha-de ter paciência e ha-de ficar. Surriada é que ninguém lhe fará. Isso é que não. A ninguém dará o sr. Beirão o gostinho de lhe dizer: asseio-se lá a esse guardanapo, entre outras razões por esta, muito especial: por não haver guardanapo do tamanho preciso para tal operação.

Ha oito dias que a crise dura. E, na forma do costume, a crise começa a desinteressar a opinião. A opinião, em Portugal, desinteressa-se de todo o assumpto que persista em durar além de tres dias. A crise é, pois, uma lebre corrida. Depois, ninguém aceita o poder porque as maiorias parlam. mentares recusam apoio a situação que d'ellas não saia. O calor aperta e não ha paixão politica que não ceda a este horroroso calor. O sr. Beirão conta com tudo isto e com uma excellente vontade de ficar. Fica, pois. Fica-se a 22. Mau ponto. Mas pode succeder que o parceiro, na ancia de puxar, rebente.

Tem-se visto...

E' muito possível, porém, que á hora da sahida do *Brasil-Portugal* já o sr. Beirão tenha cahido. Em tal caso os meus credits de Saragoçano politico irão pela agua abaixo, o que será para sentir, visto como eu estou dando esperanças no meu officio de clarividente. Deus ajude o sr. Beirão e não me desampare.

O velho parque do conde Farrobo, essa famosa estancia das Laranjeiras de que os velhos contam coisas maravilhosas, onde se



Festa militar do regimento de lanceiros n.º 2

O juramento de bandeiras — Grupo de soldados

(Cliché de J. Benoit)

realisaram festas d'um bom gosto, d'uma grandeza, d'um luxo es-pantosos, inexcusáveis, esteve ha dias em foco. Uma comissão de pessoas das mais illustres da primeira sociedade promoveu alli uma festa de caridade muito brilhante que decorreu n'uma grande anima-

ção, dando uma nota de distincção e elegancia a esta parranissima quinzena suada e politica, samsaborona, desportiva, tediosa...

Eu não estive n'essa festa. Mas succedeu-me passar por lá, a caminho de Bemfica, á hora a que ella começava. Na rapida passagem do electrico pude vêr a entrada, profusamente illuminada á veneziana. O effeito era delicioso. Os balões multicolores balouçavam-se na frança do arvoredo agitado por uma leve aragem. E essa ronda de milhares de lumes de todas as cores constituia um espectáculo surpreendente. Do lago, da ponte, da ilha, de toda a parte a luz jorrava.

Um encanto. Lá dentro, no recinto destinado ao baile e outras diversões, a animação era enorme.

Segundo rezam as chronicas dos jornaes e o testemunho de algumas pessoas que a ella assistiram, a festa foi, por todos os titulos, brilhantissima.

Referiu-nos um amigo que um grupo de gentilissimas senhoras vendia cravos de papel com os tradicionaes versos no pé. E teve a lembrança de me trazer algumas d'essas quadras que aqui registo a titulo de curiosidade e como recordação d'essa galante noite de festa. Estas são do nosso grande lyrico Antonio Correia de Oliveira:

Cravo e Violeta, — imagens
Da nossa Alma Portuguesa:
Um pensamento de fogo;
Um fundo olhar de tristeza.

Tua boca, é como um cravo:
As palavras que me dizes
Arruam-se na minha alma
Como se fossem raizes.

Olha um enxame d'abelhas
Sobre os cravos, em redor...
São tal qual os meus sentidos
A' roda do meu Amor.

O cravo, é como um Sacrario
Luz e Hostia onde se encerra,
Em corpo, em cor, em perfume,
A Alma da Nossa Terra.

E estes outros, coxeando, coitaditos, talvez da longa caminhada, mas deveras engraçados, do sr. João de Vasconcellos e Sá:

Sobre o teu lindo cabello
de tão doirados anéis,
aí! esse chapéu modelo
custou sessenta mil réis.

Dize-me lá, sem mais nada,
responde sem azedume:
porque estavas tão zangada
no baile da Sagastume?

Eram brancas, brancas, brancas,
como um chapéu que tu tens,
as rifas que me vendeste
no palacio Magalhães.

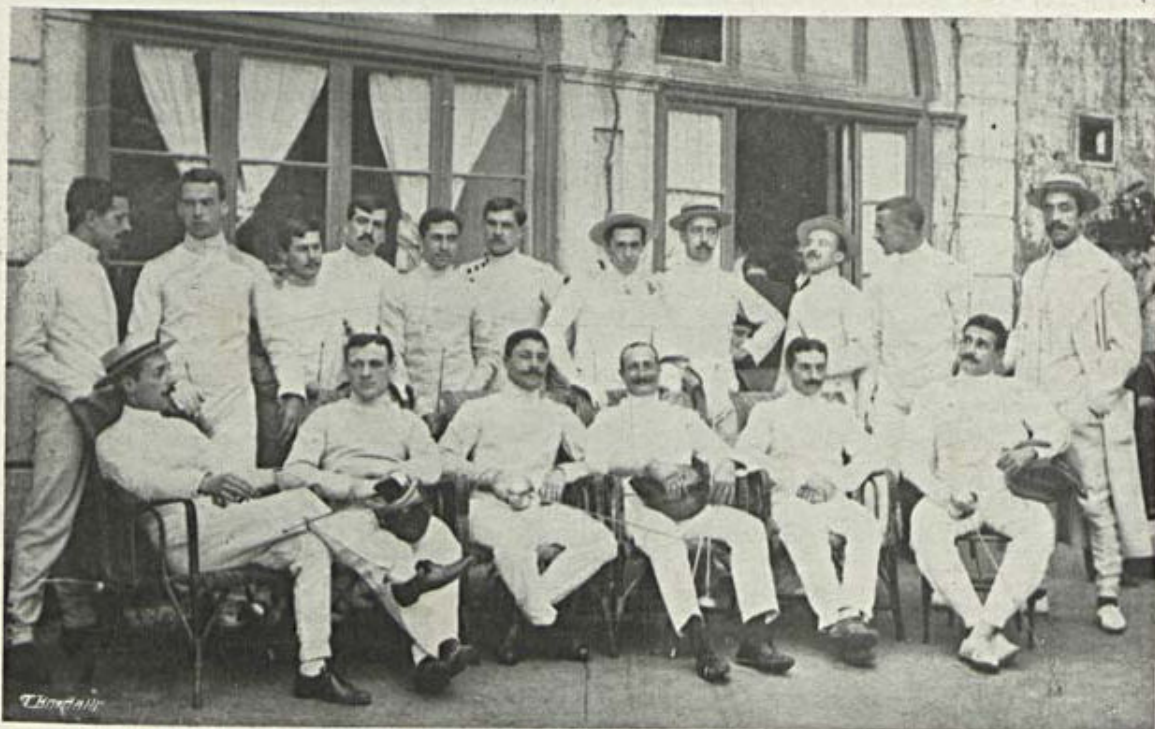


Festa militar do regimento de lanceiros n.º 2

O juramento de bandeiras — Grupo de cadetes

Notas de "sport,"

Semana d'Armas Portuguesa



Grupo de concorrentes da «Taça Penha Longa»

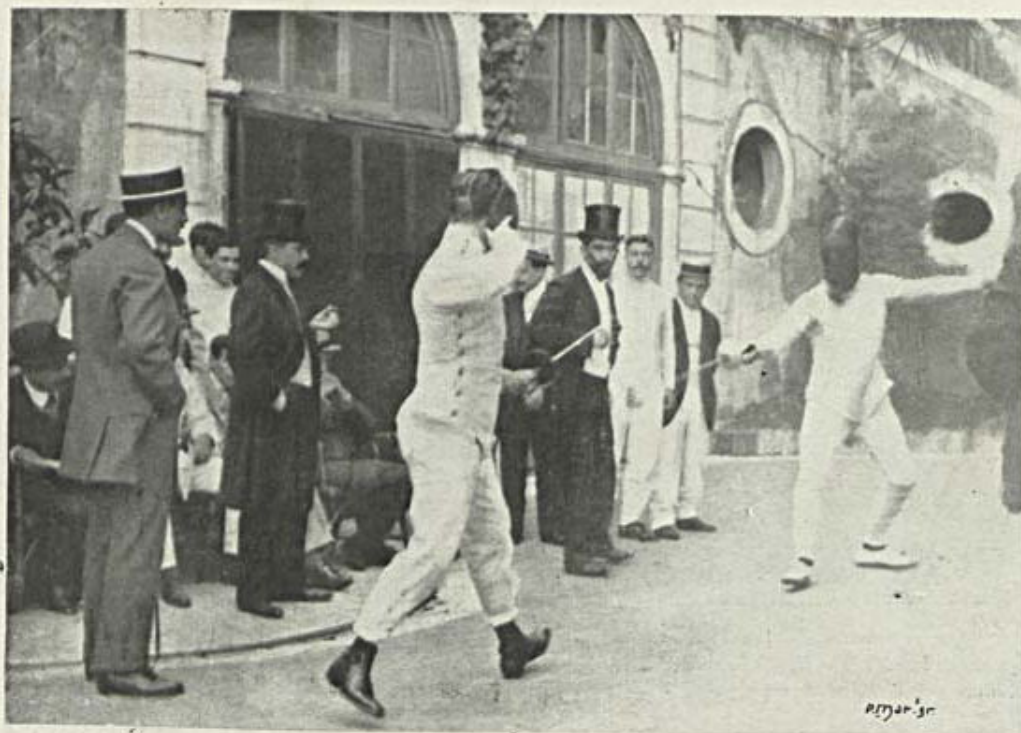
Da esquerda para a direita: sentados — Dr. Manuel Espargueira, José Martins, dr. Canzella de Abreu, Trigueiros A'artel, Sebastião Heredia e tenente Sabbo.

Em pé: — Antonio Penha e Costa, João Sassetti, Pedro Joyce, Mathews dos Santos, Antonio Villas, Pitta de Castro, dr. Leite Ribeiro, dr. Antonio Osorio, dr. Alberto Machado, Ruy Mayer e Fernando Correia.

Bem hajam os que, procurando divertir-se com bellas festas, com ellas praticam actos de caridade. Quando os sorrisos dos felizes estancam as lagrimas dos desgraçados, a riqueza, a felicidade, o bem estar d'aquelles não é uma affronta para estes e ainda menos um mo-

tivo de recriminações á Providencia pelas desigualdades de que é feita esta triste vida.

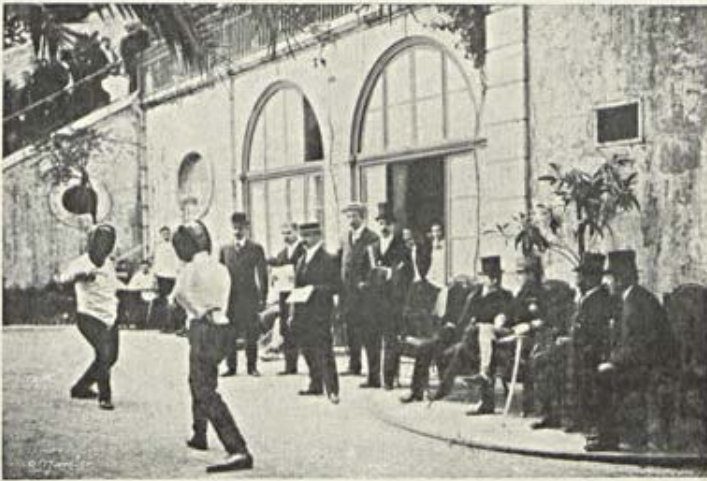
... Que eu estou na minha; a caridade é o mais egoista dos sentimentos.



(Clichés de J. Benoliel).

Semana d'Armas Portuguesa

Um dos mais interessantes assaltos entre os srs. Carlos Gonçalves (vencedor) e Fernando Correia, concorrentes da «Taça Penha Longa»



Semana d'Armas Portugueza

Um assalto do campeonato militar de sabre na presença de El-Rei e dos srs. Pimentel Pinto, presidente do jury, e coronel Graça, presidente da direcção do Gremio Litterario

Que usura não representa a alegria de emprestar a Deus o muito que porventura se dê aos pobres?

Uma festa em lanceiros 2.

Foi a ratificação do juramento dos recrutas, realizada em 19, com a assistencia de S. M. El-Rei, patrono do regimento. Festa simultaneamente alegre e tocante no espirito de todos os que a ella assistiram uma funda impressão.

Já viram um juramento de bandeiras? Eu tenho de memoria um d'esses actos, presenciado ha muitos annos no castello de S. João Baptista, em Angra. Era petiz. Na idade que então tinha não se comprehende o significado de uma tal cerimonia, não se sendo, portanto, apto a senti-la. No entanto recordo-me bem da perturbação que me causou a simples cerimonia do juramento dos galuchos. E lembro-me perfeitamente da gravidade com que elles praticaram esse acto solemne, compenetrados do compromisso sagrado que tomavam, e das lagrimas que vi brotando dos olhos dos veteranos fitos n'uma velha e historica bandeira, trazida propositadamente para o acto, farrapo sagrado, symbolo glorioso de um brilhante feito d'armas.

A festa de lanceiros 2, que El-Rei honrou com a sua presença, fraternizando com os seus camaradas de quem acceitou um banquete no qual se trocaram brindes que muito deviam ter lisonjeado S. M. e commovido os briosos militares que recebiam a honra da visita do

soberano, revestiu uma solemnidade desusada. Foi um dia de absoluta alegria, esse, para todo o regimento, desde o monarcha até ao mais humilde soldado.

A ultima semana — como de resto todas as ultimas semanas, foi denominada «d'armas». E chama-se-lhe «d'armas» porque durante ella houve muito quem jogasse a espada, o florete, o sabre. Decididamente entrou nos dominios da moda isto de a gente se pôr em mangas de camisa, quasi de joelho em terra, de ferro na mão — um, dois, tres, toma que te dou eu. Anda tudo de cabeça á roda com as armas. É facil encontrarem-se por ahi alguns varões... assignalados por ellas. Um amigo meu, creatura pacifica e muito mettidinha comsigo, anda coxo por causa d'uma sabrada que lhe applicaram n'uma sala d'armas durante o ensino d'aquella arte indispensavel ás pessoas escrupulosas para a lavagem da honra no respectivo campo.

A disputa de taças e outros premios destinados a galardoar a pericia dos amadores d'este cavalheiresco sport tem sido encarniçada. E dizem os entendidos que as sessões da ultima semana foram das mais brilhantes que entre nós se tem realisado.

Ora muito bem. Emquanto o caso fôr de brincadeira e com sorte grande, bem vão as coisas. Mas, por Deus, evitem sempre a effusão de sangue antes de estarem de posse das taças... para o aparárem.

Realisou-se ultimamente uma visita do elemento official, imprensa e pessoas gradas a um novo paquete da Empreza Nacional de Navegação. É o *Lisboa*, um lindissimo barco construido em Inglaterra e destinado a carreiras entre a metropole e a costa occidental da Africa.

O *Lisboa* rivalisa em grandeza, commodidade e luxo com os grandes paquetes das companhias estrangeiras. Tem 7:450 toneladas e dá as seguintes velocidades: contra a agua, 16 milhas por hora e a favor da corrente 17 e meia milhas. Em regular andamento deita approximadamente 15 milhas por hora. Comporta 1:184 passageiros nas suas 4 classes. A tripulação é de cerca de 120 homens.

Tambem a marinha de guerra conta mais um barco. É o *Vulcano*, entrado ha pouco no Tejo e que a estas horas deve estar nas aguas de Cezimbra realisando exercicios. É tambem construção ingleza: da casa Thomersf, de Southampton. Destina-se a substituir o *Fulminante*, no lançamento de minas e torpedos fixos.

No dia 18 realisou-se na sala «Portugal» da Sociedade de Geographia, sob a presidencia de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, uma sessão solemne para distribuição dos premios conferidos pelo Real Instituto de Soccorros a Naufragos áquelles benemeritos que se distinguiram no periodo de 1906 a 1909 por actos de salvação em naufragio.

Foram conferidas medalhas de ouro, prata e cobre e diplomas a quatrocentos individuos, fazendo Sua Magestade a Rainha a entrega



(Cliché de A. C. Lima).

Semana d'Armas Portugueza
Um assalto

das recompensas e collocando no peito dos agraciados as medalhas. A todos dirigiu a Augusta Senhora gentilíssimas palavras de elogio. A concorrência era enorme, sendo a Mãe do Chefe do Estado alvo de carinhosas demonstrações de respeito.

CAMARA LIMA.

A Fonte de Almodêna

Por uma encantadora tarde dos primeiros dias de outubro de 1902, ssi de Villa Real pela Fonte Nova e, tomando o caminho velho de Almodêna, voltei á direita pela estrada da Tojeira.

Sentei-me para descansar n'uma das pedras soltas, collocadas junto da pontezinha de madeira, que existe antes de chegar á quinta do Ramalhão, emquanto que meus filhos, infatigáveis como todas as creanças, saltavam d'um lado para o outro o baixo muro d'um pinhal visinho. Um passo pesado, vindo do lado da villa, fez-me voltar a cabeça, e a pouca distancia vi uma mulher que, vergada sob enorme carga de lenha, se approximava de nós. Ao chegar á ponte pousou a sem grande esforço n'uma pedra visinha da minha, dizendo-me com simplicidade:

— Boas tardes
Depois olhando-me franca e investigadoramente perguntou:
— A senhora é d'aqui?
— Não; sou de Lisboa.
— Ah! tornou-me ella, com um sorriso nos labios muito expressivo de desdém: Lá me parecia. Eu sou de Mondrões e raro de lá saio, mas conheço pela pintura os transmontanos.
— E então eu?
— Tem assim um ar a modos desenxabido... enfim não tem cá o nosso ar... nem a nossa rijeza.

Eu ri-me.
— Olhe que é o que lhe digo: bô! á minha idade não chega a senhora.
— Quantos annos tem?
— Não sei... mas bote-lhe as contas. Quando foi dos francezes fiz cinco annos pelas cerejas... isto era o que dizia meu pae por que cá eu nunca os contei.
Fitei a pasmada. Tinha o cabello todo negro e, se as faces eram engelhadadas, uns bellos olhos d'um castanho vivissimo pareciam ser um attestado de mocidade.
— Está brincando? perguntei.
— Credo! Por quem me toma?
— E com essa idade atreve-se ainda a carregar com taes fardos?
— Bô! Nada, não?! Uma vez não são vezes. Esta lenhasita de-

ram-m'a os meus netos. Eu só costume vir á villa no dia 8 de setembro, á festa da Senhora de Almodêna. Recordações antigas. Foi ali que me engajei com o meu homem e, de então para cá, ainda lá não falhei um anno; e mais elle já deve andar por vinte que morreu. Deus lhe falle n'alma. Hoje vim vêr um bisneto que me nasceu. A senhora já foi á festa de Almodêna?

— Não, não fui.
— E á capella?
— Também não; estou aqui ha pouco tempo.
— Pois deve lá ir. Aquella senhora é muito milagreira e dadi-vosa. Só á minha parte devo-lhe um rôr de mercês: o meu casamento, a cura dos creados, a vida da minha Anninhas que esteve mesmo prompta com a espinhela caída, e quanto mais!... nem eu sei. Faz-se ali uma rica feira de gado: é muito lindo.

— Hei-de ir vêr.
— Dizia o nosso prior, que era muito lido e sabido em cousas antigas, que tinha sido um grande fidalgo cá da villa. Sottomayor, se me não falha a *mimoria*, e mais a morgada de Ferreiros, com quem era casado, que a mandaram erguer. Havia junto d'aquella

uma outra capelinha do Senhor da Agonia de que hoje só resta a cruz de pedra que separa o adro da estrada. Para mim, em Villa Real nem em todos os seus arredores ha um sitio que lhe leve a palma.

— Fudera, tornei-lhe eu, está preza a elle por recordações.

— Bô! Não ha velhos, senhora! Quando se pensa na mocidade todos somos moços e sentimos como sentiamos então.

Limpou os olhos á ponta do avental, e ficou silenciosa, voltada para o lado de Almodêna, com os labios entreabertos n'um sorriso, esquecida de mim e de quanto a rodeiava.

Sabendo quanto é grato recordar e quanto fazê-lo allivia a pungente tristeza, inseparavel da saudade, perguntei-lhe:

— Que officio tinha o seu marido?

— Era sacristão do meu lugar. Um perfeito homem, com lindas falas, não desfazendo, e que lia que era um gosto ouvir o. Nem elle era para mim. Um santo, minha senhora... em quarenta annos de casamento não lhe ouvi nunca uma voz mais al-

ta. Tive treze filhos: uns morreram, outros casaram, o mais mocinho foi para o Brazil e... fiquei só.

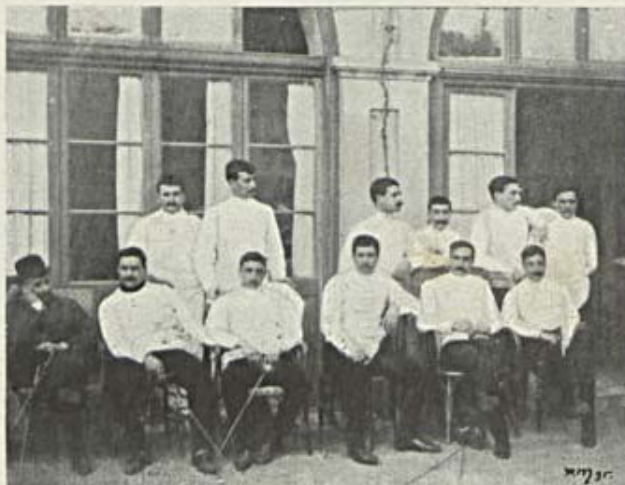
— Depois de ter tido uma familia numerosa, é triste...

— Muito triste, mas eu tambem hei de ir e já não falta muito. Lá em cima nos encontraremos todos, ajuntou reconfortada.

A certeza singela da sua fé fez-me inveja. Esta mulher tão simples, tão resignada, vivia d'ella: se lhe suggerissem uma duvida, o que talvez não fôsse possivel, é crível que a sua alma, apezar de vigorosa, não supportasse o golpe, e que a morte viesse com a pressa que ella desejava, mas desacompanhada dos encantos que lhe attribuia.

Uma creatura que não conhece o tormento da duvida póde e deve julgar-se feliz.

— Não falemos de magoas, disse-me a velhinha com um sorriso



Semana d'Armas Portugueza
Grupo de concorrentes que tomaram parte no campeonato
militar de sabre



Semana d'Armas Portugueza
Campeonato inter-escolar — A equipe do Real Collegio Militar
(1.º premio)



Semana d'Armas Portugueza
Campeonato inter-escolar — A equipe da Escola Polytechnica
(2.º premio)

cheio de bonhomia, são tantas na vida quantos os dias: assim não canso em lembrá-las, empenho-me em esquecê-las. Olhe, continuou depois de ligeira hesitação, como quem receia tornar-se aborrecida e não pôde resistir á tentação, se a senhora se não enfada de me

Marinha de guerra portugueza



O vapor Vulcano

ouvir, vou contar-lhe como o sacristão de Mondrões se tornou meu conversado e um anno depois nós casámos.

— Diga, não ha mulher a quem a historia d'um coração não interesse.

— Está visto: a gente não vive de outra cousa, depois do vinho e da brôa. Pois foi assim: elle veio á festa de Almodêna com o nosso prior, e eu com os meus paes, irmãos e mais gente do lugar. Ha muito que elle me olhava com agrado, e eu sentia por elle uma certa *aquella*, mas nunca nos tínhamos dito nada. Quando a festa da igreja terminou, eu e mais algumas companheiras sentámo-nos em volta da fonte. Umas raparigas riam, outras olhavam os namoros, e todas estavam alegres. O meu João chegou á porta da capella, olhou em volta e, tendo visto onde eu estava, veio trazer-me um papel cheio de doces e ficou se conversando:

— E' lindo este sitio, pois não é? perguntou-me elle para dizer alguma coisa.

— E', respondi eu. E dizem que esta agua, além de saborosa, sára todos os males.

— Todos não, disse elle, olhando-me d'um modo, que me fez desviar a vista.

— Que dizem aquellas letras lá em cima? perguntei para disfarçar.

Elle leu:

O límpido crystal d'esta agua pura
Que a Virgem fez brotar n'esta collina
As flores vivifica na campina
O corpo refrigera, as dores cura.

De mim para mim ri-me da quadra da fonte e «chei divertidissimo o respeito, quasi religioso, com que a velhinha m'a repetia, como se fosse o cumulo da perfeição. Ella continuou:

Marinha mercante portugueza



O vapor Lisboa da Empresa Nacional de Navegação

(Cliché de J. Benoit)

— Não lhe dizia eu: as dores cura...
— Todas não, as dores do meu coração, por exemplo, só os teus olhos é que as podem curar.

— Então o remedio é facil.

— Achas?

Não pude responder nada, mas abaixei a cabeça em signal affirmativo.

— Não precisava. Quem cala consente.

— Bô! observou-me ella com um fino e brejeiro sorriso.

Depois continuou:

— Fez-se um bailarico, e cantou-se á desgarrada. O Manecas de Quintella, que ha muito me trazia de olho e era moço rico e considerado, mas por quem eu não daria uma bilha de azeite, botou-me esta cantiga:

Mocinha do enço verde
Com dois olhos côr de amôra,
Que bruxedo traz consigo
Que toda a gente enamora?

Eu, que nunca fui d'aquellas que ficam de voz no bucho, tornei-lhe logo:

Não nego que o lenço é verde
Nego o tom que aos olhos daes,
Que castanhas e amôras
Nunca na côr são rivaes.

Disse elle:

Soube emendar-me o dizer
Sem responder á questão,
Por que artes ou por que manhas
Me roubou o coração?

Vae eu:

Ninguém rouba o que não quer,
Nem que o topasse no chão:
O nome do meu amor
Não é Manuel, é João.

O meu homem estava em brazas. Mal os descantes pararam, agarrou-me por um braço, dizendo:— Anda d'ahi ao senhor prior. O senhor cura descansava em frente, n'um baixo onde morava um

Christian Lange em Lisboa



A' porta da Sociedade de Geographia
O notavel pacifista despedindo-se do sr. Consiglieri Pedroso

A capital foi ha pouco honrada com a visita do sr. Christian Lange, illustre secretario geral da União Inter-parlamentar de Paz e Arbitragem.

O notavel pacifista teve entre nós, como não podia deixar de ser, o mais carinhoso acolhimento e por sua vez usou para com o nosso paiz de expressões deveras amáveis referindo-se aos trabalhos de alguns portuguezes em favor da causa da paz.

A estada do sr. Christian Lange entre nós foi consagrada pelo parlamento que recebeu o illustre visitante com todas as honras devidas á sua pessoa e ao alto cargo social que desempenha.

tio d'elle. Ao passar a ponte cingiu-me pela cintura e beijou-me na boca.

Foi o melhor momento de toda a minha vida. Senhor prior, disse o meu homem, mal se abeirou d'elle, queria dar-lhe uma palavrinha. O senhor padre, que falava com algumas pessoas gradadas lá da sua amizade, affastou-se um pouco. Vae o João pediu-lhe para falar a meu pae.

— Então isso é de tanta pressa que o não podeis guardar para amanhã? perguntou sorrindo o nosso prior.

— E' que tinha por bom agouro irmos da festa da Senhora promettidos e, quando voltassemos cá para o anno...

— Bem, bem. Eu falarei com o Zé do Corgo,—era o meu pae,—e creio que elle nada terá a dizer contra. Assim foi. Quando regressámos ao meu lugar, João acompanhou-nos, e os meus velhos tiveram grande satisfação de me prometterem a um homem tão preñado. No anno seguinte casámos á boca da manhã na igreja da minha terra e depois viemos á festa. Ha quanto tempo isto lá vae!...

— Parece sempre que foi hontem.

No hippodromo de Belem. — Revista do regimento de artilharia n.º 1



El-Rei e o sr. coronel Jayme de Castro passando revista às tropas

— Bó! disse ella, olhando em roda, é quasi noite e ainda tenho que andar. E' isto: em me pondo a dar á lingua...

E tentou erguer o feixe de lenha. Ajudei-a a retomar-o.

— Adeus, senhora, e sabe o que lhe desejo?

— ?

— Que tenha na velhice d'estas recordações, que fazem esquecer do tempo e nos dão sempre vinte annos.

— Obrigada.

— Se eu chegar a setembro cá venho á festa. Ver-nos-hemos?

— Se eu cá estiver, com certeza.

Retomou o cajado e, depois de saudar os pequenos alegremente, desapareceu na curva da estrada, no seu passo largo, pesado e firme. Segui-a com o olhar humedecido. As cousas alegres commovem a alma, exactamente como as tristes. E' que, vendo-a afastar-se, tudo n'ella me dizia: se Deus existe, esta mulher resignada e simples, deve chegar a Elle tão naturalmente como a agua do rio se vai lançar no mar.

Chamei as creanças e voltámos.

Tarde encantadora! Não havia vento, o ar estava limpo e o sol desaparecera atraz do monte da Forca, em toda a magestade da sua incomparavel belleza. Homens e mulheres regressavam da vindima cantando alegremente a vareira, e umas lavadeiras atiradas no seu labor botiam roupa nas pedras entre risadas e chistes junto á ponte do Cabril. Era um quadro digno do pincel de Carlos Reis ou Malhõa. Apressei o passo e, desviando-me da estrada, dirigi-me á escada que leva á capella de Almodêna.

— Aonde vae, minha mãe? perguntavam os pequenos curiosos. — Vêr a quadra da fonte.

Apezar da luz ser já muito frouxa consegui lêr os versos do anonymo poeta de Almodêna.

Rir-se-hão talvez, mas n'aquella mesma quadra cuja ingenua chateza me fizera sorrir quando, sem lhe alterar uma unica syllaba, a velha m'a repetiu, eu achei a immensa poesia d'uma alma tão habituada a conseguir que a palavra exprima todo o seu sentir, mas cheia de altos e nobres pensamentos. Curvei-me reverente ante o obscuro poeta transmontano. E' que a belleza melancolica d'aquelle agonizar do dia emprestava a sua magnificante grandeza a quanto o rodeiava.

Os mil sussurros do campo tiveram sempre mil attractivos para os meus ouvidos, mas n'essa tarde, em que a terra parecia querer rivalisar com o céu, sentia-me inebriar intensamente dos seus a-res perfumes, a ponto de pensar (que creancice!), que era bem bom viver. Voltámos a casa, onde á luz d'um candieiro, nos esperava o jantar a que as creadas, pela hora, chamavam ceia. Contei durante ella, rindo, os episodios da minha expedição d'aquelle dia, episodios que eu não devia esquecer, porque todo aquelle que estuda, comparando com verdadeiro interesse as bellezas da natureza e das almas, guarda avaramente a lembrança dos raros momentos em que as encontra em perfeita harmonia. Lamento não ser pintor. Aquella mulher era a melhor figura que se poderia reproduzir em tal quadro: tinha a belleza simples e grandiosa da paisagem transmontana e parecia symbolisal-a.

Maria O'Neill.



Revista do regimento de artilharia n.º 1
Desarmamento e montagem de peças



Revista do regimento de artilharia n.º 1
Uma bateria fazendo fogo no alto do hippodromo
(Clichés de J. Benollet).

Congresso das aggremações populares e catholicas



Sarau musical offerecido pelo Centro Catholico aos congressistas
Grupo de senhoras que compunham o orpheon sob a direcção do padre Camillo Ferrão

Da direita para a esquerda: 1.º plano — D. Emilia d'Andrade Batalha, D. Maria de Lourdes Oom, D. Alice d'Almeida, D. Helena Hugo e D. Iva de Andrade.

2.º plano — D. Maria do Carmo Lopo, D. Deolinda Pereira, D. Thereza de Sousa, D. Maria Barbosa Romão, D. Maria Bomba e D. Umbelina Castanheira.



(Clichs de A. C. Lima).

Congresso das aggremações populares e catholicas

o banquete no hotel Bragança promovido pela juventude catholica

A importancia que revestiu o congresso catholico ha pouco realisado em Lisboa leva-nos a consagrar-lhe esta pagina do Brasil-Portugal. Não pode esta revista pela sua indole alongar-se em descripções de acontecimentos que fazem parte do noticiario dos jornaes diarios, cumprindo-lhe tão sómente fixar os factos por meio de gravuras. No entanto de justiça é fazer especial referencia á sr.ª D. Maria Fatacho, cujo discurso acerca do que deve ser a esposa, a filha, a mãe, n'uma palavra a familia, teve notavel valor dada a sua qualidade de mulher e a sua auctoridade como medica. A sua defeza do casamento como a instituição mais divina e da familia religiosa como modelo de futuras gerações foi brilhante e teve a dar-lhe relevo e talento e os conhecimentos scientificos da illustre oradora.

O Novo Ministerio



Conselheiro Antonio Teixeira de Sousa
Presidente do conselho e ministro do Reino.



Conselheiro Anselmo de Andrade
Ministro da Fazenda



Conselheiro Pereira dos Santos
Ministro das Obras Publicas



Conselheiro Marnoco e Sousa
Ministro da Marinha e Ultramar



Conselheiro José de Azevedo Castello Branco
Ministro dos Estrangeiros

(O Brasil Portugal publica apenas os retratos de cinco ministros do novo gabinete. O do sr. general Raposo Botelho, ministro da guerra, não chegou a tempo de ser gravado: sairá no proximo numero. O do sr. dr. Manuel Fratel, ministro da Justiça, não existe.)

DESENHOS

Teixeira de Souza

Doutor em Medicina e doutor em Politica. Em 1883 recebeu o diploma da Escola do Porto, e no mesmo anno matriculou-se na carreira administrativa. Poz de parte o bisturi para empunhar a penna que logo transformou em marmelleiro. Deixou de apalpar o pulso a enfermos para apalpar o pulso da linda moçoila Politica e as costellas dos adversarios. Muitos se lembrarão das suas rijas investidas, dos seus guantes de combatente, dos seus golpes certos mas leaes, e dos seus artigos violentos, a que não faltava elegancia litteraria.

Feito o tirocinio no Districto de Villa Real e no Villarealense, a camara dos deputados abriu-lhe os braços para o ouvir de perto. E ouviu-o, sempre na brecha, vigoroso no ataque, preciso, sem arrebuques de linguagem, concededor das questões. Tanto bastou para o atirar para a beira do desfiladeiro do Poder, que desceu com passo firme levando a pasta da marinha que Hintze Ribeiro lhe metterá debaixo do braço, em 1900. Forte de corpo, claro de espirito, olhando direito, energico, de antes quebrar que torcer, tal é a individualidade de destaque que hoje preside ao conselho dos sete.

Manuel Fratel

Pequeno em altura, mas boa cabeça com ideias, prenda de que poucos se gabam. Ora, como os homens não se medem aos palmos, o sr. Teixeira de Sousa, que vê bem, curvou-se a auscultar-lhe o cerebro, e, achando-o de primeira agua, sentou-o na cadeira austera da Justiça. Acertado. A austeridade da respeitavel Senhora adapta-se bem a uma carta de direito e á compostura severa d'este rapaz modesto, de olhar quasi melancolico, que seria talvez um poeta lyrico, se a Política não o houvesse enredado nos seus feitiços. Tem um passado curto e, não obstante, ha cerca de quinze annos que o vimos subir as escadas de S. Bento e lhe ouvimos a palavra facil ao serviço do partido. Na vida publica e na vida intima sempre o mesmo — um caracter.

Pereira dos Santos

Outra vez ministro das obras publicas, que foi em 1900, tendo por companheiros os companheiros de hoje, srs. Teixeira de Sousa e Anselmo de Andrade. Tem um passado digno de registro, mas cremos que elle proprio o terá esquecido nas suas eternas distracções e abstracções. Tem valor incontestavel e não sabe que o tem. Muita simplicidade e muito talento, mas uma grande myopia para as coisas praticas da vida. Pára alto, longe das misérias terrenas, e não vê nem a multidão, nem a moda, nem as bellezas espartilhadas que passam e que nos tentam a nós, pobres mortaes fracos, nem as ingratições alheias. Para os ingratos um sorriso bom. Para o resto um olhar vago de somnambulismo. Esquece tudo, menos o seu

O novo governador civil de Lisboa



Magalhães Ramalho
Major do Estado maior

Commemoração do centenario de Alexandre Herculano em S. Paulo



Sessão solenne na Academia de Direito presidida pelo director da mesma

A colonia portugueza da cidade de S. Paulo (Brasil) deu ha pouco um exemplo do seu patriotismo e da sua vitalidade, promovendo a commemoração do primeiro centenario do nascimento de Alexandre Herculano. As photographias que sobre o assumpto publica hoje o Brasil-Portugal dão uma ideia do que foi essa commemoração e demonstram que o amor patrio dos portuguezes que longe do seu paiz mourejam pela vida se affirma sempre que para isso se offerece ensejo.

credo politico e as horas das prelecções na Escola do Exercito e no Instituto Industrial. E' até muito capaz de se esquecer de que pediu ha poucos dias passagem á reserva e de se apresentar com a sua

farda de official de engenharia sem pôr na gola o R regulamentar: e grande seria a sua surpresa, se o prendessem. Larga folha de serviços relevantes como engenheiro militar, como larga é a dos que



Commemoração do centenario de Alexandre Herculano em S. Paulo

Sessão solenne na Academia de Direito — Lentes, representantes do governo e corpo consular

(Clichés do phot. Valerio — S. Paulo).



Commemoração do centenário de Alexandre Herculano em S. Paulo
Formação do cortejo cívico junto à Academia de Direito

tem prestado ao seu partido, que pela primeira vez, em 81, o levou à câmara, onde se revelou parlamentar distinto e orador fluente.

Ánselmo de Andrade

Um escriptor de raça e um jornalista, que foi, por desfastio. O *Correio da Noite* archivou nas suas melhores vitrines artigos modelares, em que a Política se vestia de roupagens modernas e calçava luvas de cem botões — europeis com que, diga-se em abono da ver-

dade, a pobre rapariga não se entendia. Habituada ao saíote de baetilha e as unhas crescidas, mal lhe iam as rendas e as finas essências de marca *Andrade*. Por indolencia tem uma bagagem litteraria reduzida, mas que pesa toneladas. A *Terra* e a *Viagem em Hespanha* são livros que ficam. Se nos não atraíçoa a memoria, o actual ministro da fazenda, quando ainda no *Correio da Noite*, preparava um livro, que não concluiu e a que destinava um título, que por si só valia um poema — *A Cruz*. Quasi concluido, mettu-o na gaveta — um crime! — e voltou-se para as Finanças e para a Economia. Ganhrou com isso um novo nome. Perderam as letras, mas temporaria-



Commemoração do centenário de Alexandre Herculano em S. Paulo
(Clichés do phot. Valerio — S. Paulo). O cortejo cívico na praça Alexandre Herculano

mente. Elle voltará, da Fazenda, como o filho prodigo e nós todos ajoelharemos ainda aos pés da sua Cruz.

José de Azevedo

Outro doutor em medicina: este pela faculdade de Coimbra. Foi medico militar, e, ahí por 86, era cirurgião mór. Tentado pelas graças irresistíveis da Política, disse adeus ao regimento e á sciencia e filiou-se no partido regenerador que o levou, em 85, á camara, onde entrou com o pé direito, destacando-se logo entre os oradores de então como orador de uma fluencia rara e de uma energia pouco vulgar. Tem uma palavra de ouro e uma penna, que é quasi uma tesoura quando talha carapuças comicas e recorta ironias com acentuada elegancia de figurinos e de estylo. Jornalista, tambem, nas horas vagas, tem o pulso de um hercules moderno, a serenidade de um forte, a energia de um portuguez antigo, e a prudencia de um diplomata.

Nem de encomenda estes predicados conglobados no novo ministro dos estrangeiros.

Raposo Botelho

Entra pela primeira vez na constituição de um gabinete. E' general de brigada e pertence á arma de infantaria. Afastado, supponho, da politica activa, exercia o cargo de director do Collegio Militar quando lhe offereceram a pasta da guerra. Serviu na guarnição do Porto durante 25 annos. Quando major, foi lente da Escola do Exercito. Como coronel commandou caçadores 2. E' director da *Revista Militar*, onde a sua collaboração valiosa tem evidenciado os seus largos conhecimentos de assumptos militares. Com o seu nome conhecemos livros interessantes, taes como o *Manual de Tiro*, *Historia Militar de Portugal* e *Guia do Atirador*.

Marnoco e Sousa

Ministro pela vez primeira e ministro da marinha. Folheia-se o *Diccionario Portugal* e deparam-se-nos estes diplomas de competencia:

«Doutor em direito pela Universidade de Coimbra, lente cathedratice da mesma Universidade, vogal do Conselho Superior de Instrução Publica, auctor commercialista. E' natural de Souzaella, sendo filho de Antonio José Ferreira Marnoco e Sousa. Foi doutorado a 5 de dezembro de 1897. Tem publicado: *Dissertações: Synthes financeiras*, Coimbra, 1893; *Impedimentos do casamento no direito portuguez*, Coimbra, 1896; *Das letras no direito commercial portuguez* (dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas na Faculdade de Direito), Coimbra, 1897; *Execução extraterritorial das sentenças civeis e commerciaes*, Coimbra, 1898. *Lições de direito politico*, Coimbra, 1900; *Sciencia economica*, Coimbra, 1901 a 1905; *Historia das instituições de direito romano peninsular e portuguez*, Coimbra, 1904; *Administração colonial*, Coimbra, 1905. *Polemica: O curso do notariado e o sr. Martins de Carvalho*, Coimbra, 1900. *Artigos nos Estudos Juridicos: A reincidencia no direito penal portuguez; Regimen legal das associações de caracter religioso; Applicação aos cheques das disposições respectivas a letras; As questões prejudiciaes no processo penal; A legitima defeza no direito penal portuguez*. Relatorio publicado no *Boletim da Direcção Geral de Instrução Publica: A reforma de instrução secundaria e os seus resultados*. Como refundição da sua dissertação inaugural, logo esgotada, publicou a obra intitulada *Das letras, livranças e cheques*, dois vols., Coimbra, 1905 e 1906.»

Exposição de azulejos de Jorge Colaço

Um acontecimento que fez bulha em Lisboa foi a exposição de azulejos pintados de Jorge Colaço. E com razão. Jorge Colaço, um trabalhador intelligente e um artista de valor real, conseguiu levantar a industria do azulejo alliando-a a uma admiravel feição de arte. Levados na onda das elegancias alfacinhas que têm registo permanente no high-life dos periodicos, fomos tambem ao gracioso atelier da rua de D. Pedro V. Saimos de lá consolados, e desconsolados por não podermos comprar todos aquelles panneaux em que brilham recordações historicas, gestos heroicos, nimphas attraentes, trechos do Douro, moiros encollos em bor-



Commemoração do centenario de Alexandre Herculano em S. Paulo

O cortejo civico desfilando na rua 15 de Novembro

(Cliché do phot. Valerio — S. Paulo).

nós altos, paisagens africanas, phantasias e trajos medievais de matronas bonitas. Na impossibilidade de despejarmos uma grande bolsa de dobrões sobre a meza de trabalho do artista, mandámos



Exposição de azulejos de Jorge Colaço

A sr. duqueza de Palmella

surripiar uma photographia e aqui a estampamos. Adregou de ser a melhor. E' o retrato da fallecida duqueza de Palmella — um primor de execução e um assombro de semelhança.

Com vista aos possuidores de dobrões e de... bom gosto.

As festas de verão na cidade do Porto



Vista tirada do alto dos Clerigos

NO PORTO

As festas de verão

Se umas vezes a chuva, e, outras vezes, imprevistas circunstâncias fortuitas impediram que tivessem o brilho de outros annos, as festas promovidas no Porto pelo Club dos Fenianos deixaram, contudo, excellente impressão nos que a ellas assistiram.

Um dos directores d'esta Revista foi expressamente á capital do norte para ver de perto os encantos e atractivos que ella offercia aos forasteiros e para pôr os leitores de Portugal e do Brasil ao facto do que de mais brilhante e festivo lá se passára. E tanto no numero de hoje como no seguinte algumas paginas são consagradas ás festas de verão. Uma chuva miuda e impertinente não permittiu que at-



As festas de verão no Porto. — A rua de Santo Antonio (ornamentação electrica)

com o seu enorme docel illuminado a giorno sob as colossaes ramadas das arvores e, ao extremo, sobre as aguas do rio, o estrelajar dos foguetes de lagrimas, os mais phantasticos caprichos pyrotechnicos, rasgando em varias direcções o azul da atmosphaera, constituiram tambem um dos maiores encantos e atractivos das festas.

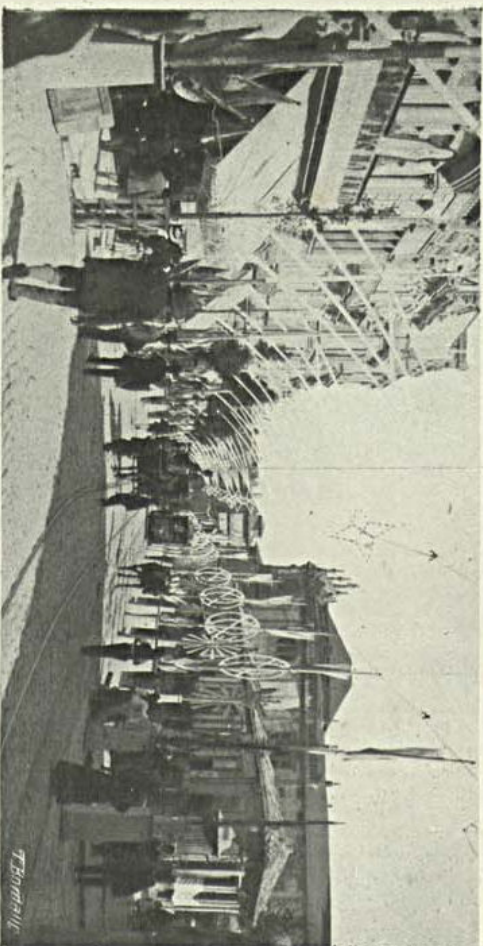
O concurso hippico, a tourada, o cortejo nocturno, as illuminações das ruas, as numerosas bandas de musica que tocavam em coretos armados em todas as ruas enfeitadas, o torneio nacional de tiro aos pombos, os exercicios de bombeiros, os incomparaveis bombeiros do Porto, as exhibições de cascatas, os descantes, os ranchos populares, foram outros tantos espectaculos que durante dias entreteram a attenção de muitas dezenas de milhares de forasteiros, que de Lisboa e de quasi todos os pontos do paiz accorreram ao Porto attrahidos pelo programma, e, por assim dizer, convidados, pelo Club dos Fenianos.

A todas essas festas assistiu S. A.

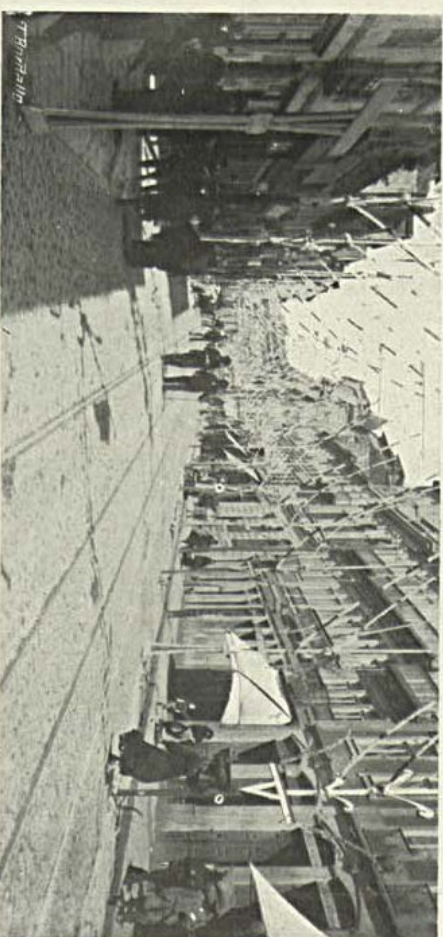


As festas de verão no Porto. — Um trecho da feira franca

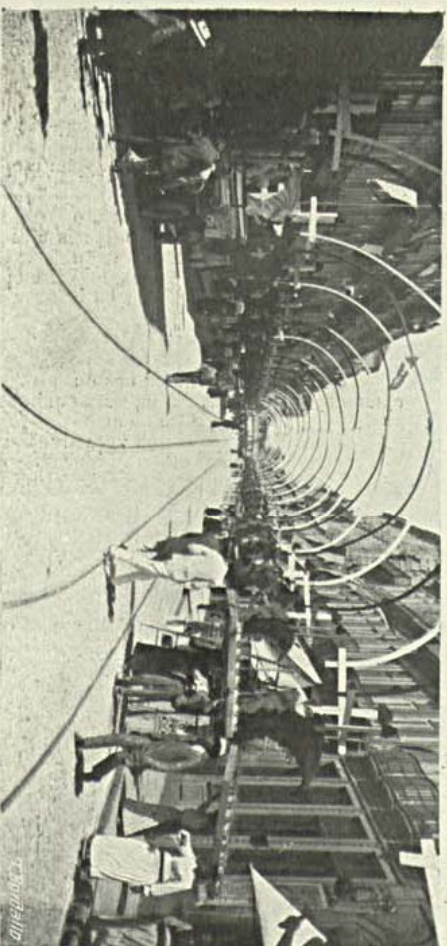
As festas de verão no Porto



As Carnélias (ornamentação astronómica)



Rua Mouzinho da Silveira (ornamentação minhoto)



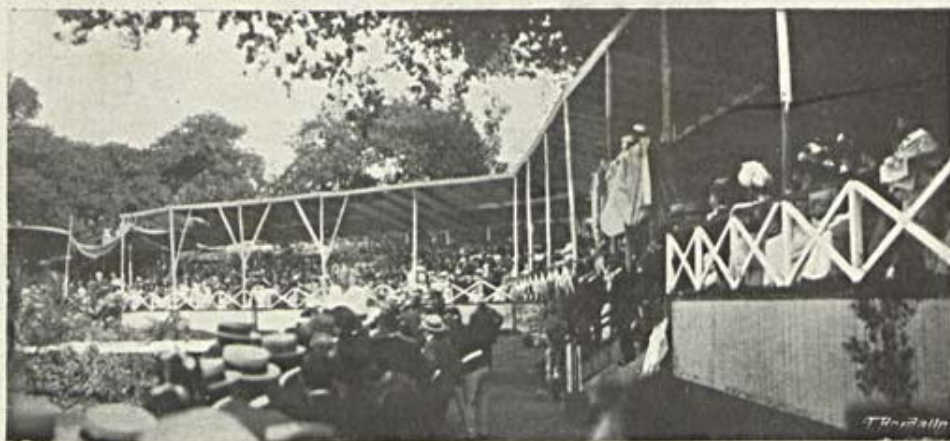
As ornamentações da rua Sá da Bandeira



A rua de Santa Catharina (ornamentação de palmeiras)

o príncipe real D. Affonso, carinhosamente acolhido e saudado pela população que, por assim dizer, representada pelo elegante e distinto Club Portuense viu rematadas e coroadas as suas festas com o banquete offerecido a Sua Alteza no ultimo dia do mez, suggestiva e graciosa homenagem á familia real portugueza, representada pelo tio do rei, que de todos os socios do club recebeu as mais effusivas demonstrações das sympathias que despertara e de gratidão por ter com a sua presença honrado durante muitos dias o festivo programma dos Fenianos e a cidade do Porto.

JAYME VICTOR.



As festas de verão no Porto.

Concurso hippico — Aspecto das tribunas — Ao centro Sua Alteza o Principe Real

As festas de verão no Porto
Concurso hippico — Salto de obstaculos

AS TRES IRMÃS

(Extrahido de uma poesia brasileira)

A mais nova das tres, é linda. Toda a graça
que no seu rosto brilha
é leve como a branda aragem que perpassa;
adoro-a como filha.

A mais velha das tres tem a doce freireira;
do céu pela manhã,
Peço a Deus, para ella, as benções da ventura
adoro-a como irmã.

A do meio, porém, não sei dizer ao certo
como eu a posso amar,
nem sei que extranha luz revela um céu aberto
no seu bemdito olhar...

Quando a mais nova ri, confunde-me graciosa
n'um riso que me attrae;
compara a sua bocca a uma folha de rosa
o meu amor de pae.

Quando a mais velha ri, tem vibrações suaves,
parece uma canção,
e compara-lhe o riso ao gorgueio das aves
o meu amor de irmão.

Mas, quando a outra ri... — Oh! Mystério profundo!
Não no sei definir! —
Porque eu sinto a minh'alma afastar-se do mundo,
quando a vejo sorrir...

Se a mais nova casasse, eu, mesmo, pediria:
«Senhor! Abençoe
«esta noiva tão linda! E' a santa alegria
do meu amor de pae!»

Se a mais velha casasse, eu iria a seu lado
e juncava-lhe o chão
de rosas virginaes, vaidoso e enlevado
no meu amor de irmão.

Se a do meio casasse, o coração deitando
ás pedras do caminho,
iria ajoelhar-me aos pés de Deus, chorando,
desgraçado e sósinho.

Se a mais nova morresse... Oh! meu enlevo santo!
Tal como a chuva cae,
de meus olhos tombava um mar, feito de pranto
do meu amor de pae.

Se a mais velha morresse... o abalo no meu peito
produziria, então,
outro mar, onde fosse em lagrimas desfeito
o meu amor de irmão.

Se a do meio morresse... imagem salvadora!
Ah! Não te choraria!
Mas, em outro caixão, atraz do teu, senhora,
alguém te seguiria.

D. TAXCREDO.

Na musica, assim como na pintura, e mesmo na palavra escripta, que é comtudo a mais positiva de todas as artes, ha sempre uma loucura que é completada pela imaginação do leitor.

BAUDELAIRE.



As festas de verão no Porto. — O fogo de artifício no rio Douro